

HISTÓRIA CRÍTICA DA FÁBULA NA LITERATURA PORTUGUESA

A Fábula na Literatura Portuguesa: Catálogo e História Crítica
Projeto avaliado e financiado pela FCT – PTDC/CLE-LLI/100274/2008

CAPÍTULO 3

A COLEÇÃO DE FÁBULAS TRADUZIDAS POR MANUEL MENDES, DA
VIDIGUEIRA, 1603-1914

ANA PAIVA MORAIS

CAPÍTULO 3

A COLEÇÃO DE FÁBULAS TRADUZIDAS POR MANUEL MENDES, DA VIDIGUEIRA, 1603-1914

A coleção de fábulas traduzidas por Manuel Mendes da Vidigueira e trazidas a lume, pela primeira vez, na tipografia de Manuel de Lira, em Évora, em 1603, teve uma fortuna a vários títulos excepcional no contexto da edição de fábulas em português. Constitui esta edição a segunda coleção de fábulas em língua portuguesa de que há notícia, tendo como seu único antecedente conhecido o *Livro de Exopo* (século XIV-XV)¹. Poderemos ter uma noção mais clara do estatuto primordial de que gozou a coleção de Manuel Mendes durante mais de três séculos se não esquecermos que até ao ano de 1903 não era conhecido fabulário em língua portuguesa que lhe fosse anterior, uma vez que só nesta data Leite de Vasconcelos tirou esta coleção do esquecimento com a publicação na *Revista Lusitana* da transcrição do manuscrito do fabulário medieval português, descoberto por este erudito filólogo em 1900 na Biblioteca Palatina de Viena onde se encontrava conservado. Não será, pois, à primeira vista, motivo de perplexidade a prolífica, e a diversos títulos singular, fortuna editorial que grangeou a coleção impressa pela primeira vez em Évora no início de seiscentos².

Pouco se conhece acerca dos factos da vida de Manuel Mendes. Na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa de Machado (1752: 308-309), que até hoje tem constituído a principal fonte de informação sobre a biografia deste fabulista, afirma-se que era natural da Vidigueira, e que teria estudado letras humanas e filosofia em Coimbra, tendo ensinado os preceitos da gramática latina em Sevilha, no Algarve, e em diversas localidades do Alentejo, durante um período que durou cerca de vinte anos, e, também se regista nesta fonte, que este autor era igualmente versado na

¹ Cf. O artigo “Livro de Exopo” *supra*.

² Não se sabe, ao certo, durante quanto tempo esteve realmente no esquecimento, em Portugal, o *Livro de Exopo*, uma vez que foi já registada a sua presença em território nacional ainda no século XVII, embora também se saiba que no século XVIII já integrava os fundos da Biblioteca Palatina de Viena. Cf. Calado, 1994:22. Seja como for, é possível afirmar com segurança que a coleção de Manuel Mendes teve uma circulação incomparavelmente superior.

língua grega. Ainda segundo Barbosa de Machado, em 1614, Manuel Mendes ensinava em Lagos, ocupando cargo para o qual tinha sido nomeado pelo Bispo do Algarve, D. Fernão Martins Mascarenhas. No referido artigo da *Biblioteca Lusitana* dedicado ao fabulista português são assinaladas as impressões da sua coleção de fábulas dos anos de 1603, 1611, 1643, 1673 e 1705. Também são referenciadas outras obras atribuídas ao erudito tradutor das fábulas de Esopo: *Tradução de Diodoro Siculo*, dedicada a D. Francisco Rollim (1646), *Discurso em louvor da Arte da Grammatica adicionada pelo P. Antonio Velez* e *Romance ao Numero Ternario*, em 96 coplas. Estes dois últimos títulos são mencionados sem indicação de data. Além da informação transmitida por Diogo Barbosa de Machado, apenas dispomos de uma precisão, feita por Gil do Monte (1968:65), numa nota sobre Manuel Mendes, de que a versão de 1603 era em prosa, o que, de resto, é a regra nas várias edições desta coleção que nos foi dado observar. Não nos tendo sido podido localizar vestígio da primeira edição desta obra, basear-nos-emos, neste artigo, na edição de António Alvares, de 1643, preferencialmente, que cotejámos com as restantes edições identificadas e localizadas, para as quais remetemos sempre que for caso disso (Veja-se no Anexo I o quadro descritivo da “Fortuna editorial da coleção de fábulas traduzidas por Manuel Mendes da Vidigueira”).

A coleção de Manuel Mendes é intitulada *Vida e Fabulas do Insigne Fabulador Grego Esopo. De nouo juntas, & traduzidas com breues applicaçoes moraes a cada fabula. Por Manuel Mendes da Vidigeyra*³ e, na maioria dos casos observados, é antecedida por um “Prólogo” do editor. O corpo da obra é separado do prólogo por um segundo título: “Vida, e Fabulas do famoso fabulador Esopo, de novo trazidas, & acrescentadas, por Manoel Mendez da Vidigueira”. No corpo da obra inclui-se a “Vida de Esopo” e as fábulas, que somam, no total, noventa e duas, sendo o conjunto rematado pela fórmula “Fim do Esopo Portuguez”.

Verificam-se pequenas divergências no título da obra, consoante as edições. O texto do prólogo também nem sempre se mantém, embora aconteça ser retomado *ipsis verbis* em impressões distintas. Em certas versões, o prólogo é expressamente apresentado como sendo da responsabilidade “do editor” (1791), noutras, o prólogo está ausente (1684; 1848; 1914). Embora não tenha sido encontrada cópia da

³ O título da coleção sofre ligeiras variações nas diversas edições. Neste artigo, seguimos, salvo indicação em contrário, a impressão de 1643, sendo o fabulário de Manuel Mendes referenciado através da sigla *MMV*.

impressão original, de forma a permitir o cotejo, esta situação parece indicar que nas várias edições da *Vida e fábulas do insigne fabulador grego Esopo*, por norma, estes títulos e textos de apresentação teriam sido invariavelmente da responsabilidade do impressor, e não da pena do tradutor. Tal não pode, contudo, deixar de suscitar algumas interrogações, que se prendem com a ausência de explicitação dos objectivos da tarefa do tradutor numa obra onde o carácter didático pode facilmente ser descortinado, domínio onde é de regra haver uma justificação do seu principal responsável. Esta é, de resto, indispensável, na prática, para conquistar uma boa recepção por parte do leitor, a qual mais eficazmente será alcançável se houver o cuidado de se construir um contexto útil de destinação. Mas, enquanto nas coleções medievais a retórica da captação da benevolência era integrada no prólogo geral das coleções, o qual fazia parte integrante da obra, nas coleções de fábulas nos tempos modernos, entre as quais se encontra a obra organizada por Manuel Mendes, a responsabilidade pela edição é, na maioria das vezes, assumida pelo impressor ou pelo editor, visando acomodar o livro a públicos e circunstâncias de natureza particular.

Também a escolha e organização das fábulas no volume exibem uma assinalável estabilidade nas várias impressões e edições, sem que isso tenha impedido certos impressores ou editores de moldarem e retocarem o estilo e a narrativa aqui e ali, ou de fazerem algumas adições na moral. Desde a impressão de 1621 - a primeira que pudemos cotejar -, até à curiosa apropriação que fez Teófilo Braga das fábulas desta coleção, ao integrá-las, na quase totalidade, no segundo volume dos seus *Contos Tradicionais do Povo Português* na edição de 1914, mantém-se bastante estável, embora não inalterado, como afirmámos, tanto na organização como na redação, o corpo de fábulas que formam o conjunto central da obra. Tal circunstância mostra ser esta coleção dotada de um carácter versátil, capaz de se moldar a gostos e objetivos distintos consoante as épocas e os lugares da sua edição, sem, ao mesmo tempo, perder uma coesão e permanência que se coadunam com a estabilidade do género da fábula, factores que são garante de uma permanência ao longo do tempo, e permitiram grangear a esta coleção um lugar verdadeiramente excepcional na história da fábula em língua portuguesa.

1. A exigência do nome de autor - a *Vida de Esopo*

São atualmente conhecidas três recensões da *Vida de Esopo*, das quais destacamos a chamada recensão *Accursiana*, também conhecida como versão de Planudes, donde deriva o nosso texto⁴. Trata-se de uma versão bastante mais tardia do que as outras duas, datada de finais do século XIII, e resulta do labor do monge bizantino Máximo Planudes que a traduziu para o grego. A primeira impressão desta tradução foi empreendida por Bonus Accursius, em Milão, em 1479, embora ela tivesse sido anteriormente vertida para o latim, entre 1447 e 1455, por Ranutio Remicio d'Arezzo, cuja versão foi impressa em Milão, por Antonius Zarotus, em 1474. A edição de Steinhöwel, de cerca de 1476-77, reproduz a tradução de Remicio para o latim e acrescenta uma nova tradução para o alemão, da autoria do próprio Steinhöwel, que ficou conhecida como *Æsopus* de Ulm e foi o ponto de partida de várias traduções que se realizaram no espaço de escassos anos. Em 1480, é impressa em Lyon a primeira tradução do *Æsopus* de Steinhöwel, realizada por Julien Macho, religioso da ordem de Santo Agostinho naquela cidade, que verteu aquela obra para o francês (Ruelle, 1982: xvix). Em 1482, o *Ysopete ystoriado* é impresso em Saragoça, por Pablo Hurus e Juan Planck, seguindo-se as impressões de Toulouse (1488) e de Saragoça (1489) (Lacarra, 2009: 298), e em 1484 William Caxton imprime a sua tradução para o inglês do *Esope* de Macho contendo a *Life of Æsop* (Burrus e Goldberg, 1990: xii). Ao que a crítica conseguiu apurar, o *Ysopete ystoriado* depende mais da edição alemã de Steinhöwel do que da de Julien Macho, ao contrário da tradução em inglês preparada por Caxton (Burrus e Goldberg, 1990: xii)⁵. Mais adiante, daremos conta de dados adicionais relativos à tradição do Esopo dos tempos modernos, que têm especial relevância para o estudo das fábulas da *Vida e fábulas*...

A *Vida de Esopo* na primeira e, tanto quanto se sabe, única coleção seiscentista em português apresenta algumas particularidades que aqui convém referir. A introdução da vida do fabulista grego à entrada da coleção, à maneira de prólogo⁶,

⁴ Para uma descrição completa da história da constituição da *Vida de Esopo*, consulte-se Corinne Jouanno, 2006: 14-22.

⁵ Veja-se, ainda, p. xxv, 18n. para uma revisão da crítica acerca da influência da tradução de Julien Macho em outras versões em línguas vulgares no final do século XV e início do século XVI.

⁶ Uma vez que o prólogo do tradutor, e primeiro responsável pela coleção, é inexistente, a “Vida...” constitui, na realidade, o texto de apresentação da obra, e, nessa medida, é visível o seu estatuto de prólogo funcional, à semelhança de coleções congêneres do final do período medieval, como afirma Jeanne-Marie Boivin num artigo dedicado à “Vida de Esopo” nas coleções de fábulas (Boivin, 2001).

segue a prática biografista iniciada no final da Idade Média, que, se não tinha sido seguida no fabulário medieval português, já nele apresentava alguns indícios de uma tendência semelhante, com a referência, no prólogo da coleção do século XIV-XV, a alguns passos da biografia imaginária do proto-autor de fábulas, cuja fonte é retomada do *Liber de vita et moribus philosophorum* de Walter Burley ou Burleigh (Séc. XIV)⁷, embora as tradições de uma e de outra sejam visivelmente distintas, com procurámos demonstrar aqui e no artigo desta História Crítica dedicado ao *Livro de Exopo*.

Na *Vida e fábulas...* de Manuel Mendes, a inclusão deste texto preliminar pode, de resto, servir para traçar, no *corpus* dos fabulários medievais, globalmente considerado, uma linha de divisão entre as coleções mais precoces que não o incluem, e as mais tardias - muitas das quais traduzidas a partir do Esopo latino-alemão de Steinhöwel (Steinhöwel, 1476)⁸, ou de traduções deste -, coleções estas que frequentemente integram uma “Vida de Esopo”⁹. No fabulário medieval português, contrariamente a outras tradições medievais, regista-se uma propensão para a justificação da coleção de fábulas por meio da construção da figura do autor, o que, de algum modo, antecede a tradição que se desenvolverá no século posterior com os primeiros livros de fábulas impressos¹⁰. O hábito de fazer acompanhar deste texto as coleções de fábulas impressas, como vimos, desenvolve-se na Europa a partir do último quartel de quatrocentos, impulsionado pela apropriação que dele fez Steinhöwel na sua coleção, apesar de este texto remontar a época muito anterior, sendo confirmada a sua circulação já no século II (Jouanno, 2006: 9-57 e Boivin, 2006). É reconhecida a importância fulcral dos editores e tradutores de fábulas no final do século XV, que, ao promoverem este tipo de abertura das suas coleções, fundaram um novo paradigma nos fabulários, baseado não só numa outra relação com

⁷ Como foi já referido no artigo dedicado ao *Livro de Exopo*, existe uma versão espanhola, anterior aos meados do século XV, intitulada *La vida y las costumbres de los viejos filósofos*, conservada na Biblioteca do Escorial. (Knust, 1886).

⁸ É esta a tradição seguida no *Esopo* de Julien Macho, uma das primeiras traduções do *Ulm Aesop*, vinda a lume em Lyon, em 1480, e na primeira versão do fabulário em espanhol, o *Esopete ystoriado*, publicado em Toulouse em 1488 e no ano seguinte em Saragoça, também ele traduzido a partir da versão de Steinhöwel. A “Vida de Esopo” editada por Steinhöwel é uma versão traduzida para o latim por Rinuccio d’Arezzo da Castiglione em 1448, o qual, por sua vez, fizera a sua versão latina a partir da recensão em grego de Maximo Planudes (século XIII). Para uma genealogia da “Vida del Esopo”, veja-se Burrus e Goldberg, 1990.

⁹ Jeanne-Marie Boivin refere-se a esta disparidade nos prólogos das coleções medievais, afirmando que “[La “Vie d’Esopo”] ne fait pas partie du paratexte officiel, des “modes d’emploi” des fables que nous ont explicitement et souvent lourdement délivrés les fabulistes médiévaux. [...] il s’agit d’un texte singulier dont ni la vocation ni la nature ne vont de soi.” (Boivin: 2001:71).

¹⁰ Acerca da constituição do texto da “Vita” de Esopo, veja-se Perry (1933). e Jouanno (2006: 9-57).

o leitor de fábulas como também numa alteração na modalidade de uso destas, e na própria função do editor.

Porém, a “Vida de Esopo” no fabulário de Manuel Mendes distingue-se, em vários aspetos, de outras “Vidas” impressas nas edições tardomedievais. Em primeiro lugar, é forçoso recordar que aquelas se caracterizavam por serem notáveis livros de imagens, uma vez que as mais ilustres edições que as representam foram ilustradas com um número assinalável de xilogravuras. Efectivamente, esta arte teve grande campo de aplicação nos livros de fábulas impressos ao longo do século XV, e em várias edições realizadas em épocas posteriores, que retomaram, muitas vezes, as imagens das primeiras impressões. Em contrapartida, a coleção do nosso fabulista-tradutor, pelo menos nas edições que pudemos observar diretamente, não apresenta ilustrações, e, à excepção de duas imagens, uma no frontispício da edição de 1684 e a outra no final da secção que inclui as fábulas de Esopo, mais não pudemos observar, tanto nas edições mais remotas a que acedemos como nas mais tardias, do que motivos decorativos vegetais ou geométricos a separar as diferentes secções da obra.

As características que mais afastam a “Vida de Esopo” na *Vida e fábulas...* de Manuel Mendes da narrativa biográfica inserida nas demais coleções tardomedievais residem, no entanto, no próprio texto. A “Vida” *de Esopo* de Manuel Mendes segue o mesmo esquema narrativo que as demais “Vidas”: revela a origem suposta de Esopo, o pormenor da sua fisionomia grosseira e do seu aspeto físico disforme, e relata os acontecimentos decorridos desde a sua vida como escravo ao serviço do filósofo Xanto, até à sua morte. Narram-se vários episódios onde é demonstrada a sua argúcia e engenho verbal na solução de várias situações problemáticas, que lhe valeram a mudança de estatuto ainda como escravo, e, finalmente, a liberdade, tendo o fabulista percorrido toda a Grécia e celebrado como notável contador de fábulas. Na parte final da narrativa, intensifica-se a visão de Esopo como exímio no domínio da palavra: o hábil contador de fábulas e decifrador de enigmas, que com esta atividade alcançou grande fama, passa a ser tido, em Delfos, por incómodo denunciador dos maus costumes; caindo em desgraça é, vítima de um falso testemunho, condenado à morte e lançado de um penhasco. O relato termina com a referência à vingança que recairia sobre Delfos pela ignominiosa condenação de Esopo. No entanto, se compararmos a “Vida de Esopo” desta coleção com outros textos apresentados em coleções que circularam no século XV e XVI, facilmente nos apercebemos de que estamos perante uma versão bastante mais resumida. O dado mais relevante é a

constatação da ausência de fábulas na nossa “Vida”, quando a apresentação de fábulas era a regra nas coleções impressas ao longo do século XV e, ainda, no século XVI. Jeanne-Marie Boivin afirma, mesmo, que a versão tardomedieval da “Vida de Esopo” constitui uma coleção de fábulas, uma espécie de *esopo* em miniatura ou *isopete*, e que não tem um estatuto genológico próprio, não se aproximando nem do romance, nem da fábula, nem do mito, nem mesmo podendo ser considerada como uma alegoria (Boivin, 2006: 73). Manuel Mendes, por seu lado, limita-se a introduzir os episódios mais notórios do percurso do fabulista, ainda assim, com uma assinalável concisão¹¹. Esta situação da “Vida” na coleção de 1603 leva-nos a pensar que a obra de Manuel Mendes, ainda que subsidiária em larga dimensão de outras coleções que circularam no século XV na esteira da tradução do grego da “Vida de Esopo” por Planudes e, mais tarde desta versão para o latim por Rinuccio, pertence, já a uma outra época na medida em que concede a primazia às composições fabulísticas, que são inseridas exclusivamente no corpo das fábulas. Deste modo a “Vida” adquire a forma do prólogo com muito maior nitidez, destacando-se as fábulas na obra como textos autónomos. Ao contrário da homologia que se pretendeu criar entre a “Vida” e as “fábulas” nas coleções medievais posteriores ao *Æsopus* de Ulm, transformando a “Vida” numa outra coleção, no livro de fábulas de Manuel Mendes percebemos que se cava um fosso claro entre as duas principais partes de que se compõe a obra. Enquanto os fabulistas do final de quatrocentos tinham procurado moldar a “Vida de Esopo” segundo os modelos conhecidos dos livros de fábulas medievais - que não continham textos iniciais comparáveis a uma “Vida” -, com o intuito de a valorizar, em Manuel Mendes detetamos um movimento em sentido inverso que leva a uma separação nítida entre a “Vida” e as “fábulas”, permitindo que estas últimas adquiram um estatuto próprio dentro da coleção. Não sendo possível, ainda, falar da fábula como um género autónomo, o que só será acontecerá cerca de século e meio mais tarde com o pleno desenvolvimento da fábula poética, é notório que também já não estamos perante uma conceção medieval da fábula, claramente dependente da

¹¹ Uma comparação entre os episódios da *Vida de Esopo* de Manuel Mendes e a *Vie d’Esopo* de Julien Macho, primeira tradução do *Æsopus* de Steinhöwel, cuja coleção de fábulas foi uma das que teve maior divulgação no século XV, é muito reveladora da disparidade de situações: Manuel Mendes retém 16 episódios da *Vida*, enquanto que no texto de Macho se podem contar 30 episódios, nos quais são inseridas 5 fábulas. Este exercício de comparação simples não dispensará um cotejo sistemático das principais versões das *Vida de Esopo* traduzidas do grego para o latim e as línguas vulgares durante o século XV, com o texto de Manuel Mendes, o que certamente permitiria aferir resultados muito importantes para uma compreensão em profundidade desta questão.

significação alegórica, em particular, como *integumentum*. Este problema tornar-se-á mais claro na secção seguinte onde abordaremos as fábulas na coleção de Manuel Mendes.

2. As fábulas

Como já foi referido, a coleção em português de 1603 inclui 93 fábulas. Estas apresentam-se em duas partes distintas: o primeiro conjunto de setenta e sete fábulas, sem menção de título, apenas separado da “Vida...” pela numeração e título da primeira fábula da série, “Fabula Primeira, do Galo, & da Perola”, e uma segunda secção, em que se contam quinze fábulas, introduzida pela expressão “Segue-se as fabulas que acrescentei neste volume”. Note-se que “do Galo, & da Perola” é a única fábula que exhibe número de ordem na edição de 1643, que seguimos, embora em outras edições posteriores as fábulas sejam integralmente numeradas¹².

Não sendo possível identificar atualmente a fonte direta de Manuel Mendes, é forçoso basear qualquer comentário acerca das organização deste livro de fábulas numa comparação com coleções anteriores, dando, naturalmente, especial atenção àquelas que foram preponderantes no final da Idade Média e ao longo do século XVI, e que tiveram influência na literatura fabulística em território peninsular.

Uma análise da organização das fábulas revela afinidades visíveis desta coleção com fabulários anteriores, no que respeita aos textos contidos. Assim, verificamos que a esmagadora maioria das fábulas da nossa *Vida e fábulas...* se encontram na versão de Steinhöwel, figurando, naturalmente, também na tradução de Julien Macho realizada em 1480¹³. Das setenta e sete fábulas que Manuel Mendes inclui no corpo principal de fábulas, setenta e seis são paráfrases de textos incluídos nos quatro livros do *Romulus ordinarius* ou *vulgaris*¹⁴, que são inseridas tanto em Steinhöwel como em Macho. A fábula com o nº 23 no nosso fabulário¹⁵, “O Gallo e a

¹² Veja-se, a título de exemplo, a impressão de 1791 na Tipografia Rollandiana, onde cada fábula tem número de ordem.

¹³ Para uma descrição detalhada da composição do *Æsopus* de Steinhöwel de 1476, veja-se Ruelle, 1982: xix-xxiii.

¹⁴ Coleção em prosa do século IX, redigida em língua latina, donde derivaram várias coleções medievais em língua vulgar. Hervieux, 1884, II: 176-230. Veja-se, o artigo sobre o *Livro de Exopo*, *supra*.

¹⁵ Reportamo-nos, aqui, à numeração exibida na edição da Tipografia Rollandiana de 1791, dado que, como mais atrás afirmámos, as fábulas da nossa coleção só começam a ser numeradas em edições tardias.

rapoza”, corresponde a uma das oito *Facetiae* de Poggio¹⁶ inseridas na última secção do *Æsopus* de Steinhöwel¹⁷. As quinze fábulas do suplemento no fabulário em português, por outro lado, são oriundas de várias fontes, entre as quais são explicitamente mencionados Battista Fulgoso (*Fábulas verdadeiras*), referido na fábula “O Aspide e o seu hóspede” e Alciato (*Emblemas*), na fábula “Hercules e os pigmeus”. As fábulas do suplemento não mencionam expressamente outras fontes, mas parece-nos lícito concluir que Manuel Mendes pretendeu inovar nesta secção, afastando-se do seu modelo preferencial, que parece ter ido beber à fonte de Steinhöwel. Aqui, as fontes invocadas são autores ligados ao humanismo italiano, bem mais próximos do nosso fabulista no tempo.

Não é possível, com os dados de que dispomos atualmente, estabelecer com clareza se Manuel Mendes terá ido beber a um modelo intermédio subsidiário da coleção que ficou conhecida como *Æsopus Dorpii*. Esta foi, de longe, a coleção mais difundida na Europa ocidental durante o século XVI e, continuou, nos séculos seguintes, a exercer uma assinalável influência. O *Dorpius*, como também ficou conhecida esta compilação, resultou do trabalho de colaboração de um cenáculo de humanistas ligados à Universidade de Lovaina, e a sua denominação deriva do editor desta obra, Martin Dorp. A sua primeira edição datada é de c. 1512 (Lovaina) e em 1852 ainda era impressa em Madrid (Thoen, 1970: 241-316). O seu conteúdo variou apreciavelmente ao longo do século XVI, tendo sofrido várias adições (Thoen, 1970: 247-274 e Cifarelli: 1993: 20-22). Se a coleção de Steinhöwel tinha constituído uma primeira etapa de transição entre a tradição medieval e o Esopo humanista, o *Æsopus Dorpii* veio firmar as características da fábula humanista de maneira muito mais notória. Assim, os fabulários de quinhentos, de uma maneira geral, derivam de coleções latinas de produção coeva ou recente e resultam, em larga medida, das novas teorias humanistas sobre a tradução. Tanto no *Dorpius* como nas coleções que dele

¹⁶ Poggio Bracciolini foi um brilhante humanista cuja obra inclui um conjunto de contos em latim, a maioria dos quais exibem um caráter erótico, ou mesmo, obsceno, publicados sob a designação de *Facetiae*. As edições mais antigas desta coleção de contos são as de Veneza (1470), Roma (1470), Ferrara (1471) e Nuremberga (c. 1472). Cf. Pogge, 2005.

¹⁷ Guillaume Tardif, que reescreveu as *Facécias* de Pogge em francês no final do século XV para Carlos VIII, afirma relativamente à facécia “O Galo e a raposa”: “La facétie ensuyvante, aulcuns ont attribué à Ysopet et avecques la translation des fables de Ysopet l’ont mise; mais nonobstabt ne l’ay je pas laissé à mettre en ceste présente translation affin que faulte n’y soit veue, car elle est réalement de ce livre, et l’escripvit Poge ainsi qu’il apparoit, car elle est en prose latine, et Ysopet besongnoit en mettre, par quoy la différence monstre que, qui l’ait mise avecques les Fables de Ysopet, il l’a icy empruntée.” (Pogge, 1878: 151).

derivaram, são incorporados novos textos, temas inovadores, e frequentemente são acolhidas fábulas procedentes de outros géneros tais como a facécia ou o emblema (Mombello, 1981; Cifarelli, 1993; Thoen, 1970). Esta nova síntese, como notou Paul Thoen, é muito mais versátil e maleável do que a de Steinhöwel. Enquanto as traduções desta última tendem a manter uma razoável estabilidade tanto de forma quanto de conteúdo, o *Dorpius* é sistematicamente ultrapassado nas suas sucessivas edições e traduções, uma vez que a alteração e a mudança decorrem, justamente, do seu carácter inventivo e inspirador. Assim, se as fontes remotas se mantêm, elas são, por outro lado, submetidas a um trabalho de renovação através da tradução ou da reescrita. Além disso, privilegia-se não só a inserção de fábulas de autores recentes (Barlandus, Erasmo, Valla, Manucio) como também paráfrases coevas de fábulas provenientes de fontes medievais (vejam-se as paráfrases do *Anonymus* e do *Avianus* por Goudanus).

Uma análise da organização da coleção de Manuel Mendes e da escrita das fábulas revela maiores afinidades deste fabulário com a tradição humanista do que com a tradição tardomedieval inaugurada por Steinhöwel. Em primeiro lugar, a estrutura, como já foi referido, indica uma correspondência quase completa, entre as fábulas de Manuel Mendes e as do *Anonymus*, na primeira parte, à exceção da fábula 23, decorrente de uma das *Facetiae* de Poggio, como já foi referido. No Suplemento, porém, o esquema de correspondências é bastante mais complexo. É possível detetar fontes diversas, também presentes das refundições do *Dorpius*, mas também fábulas sem correspondência nas fontes principais dos fabulários no século XVI, nem nas mais sobressalientes coleções coevas. Das 15 fábulas incluídas nesta secção, conseguimos localizar 6 em refundições do *Æsopus Dorpii* (cf. Anexo II)¹⁸.

No conjunto da obra, verifica-se que as fontes referidas, sempre nos epimítios, são clássicas ou humanistas: Horácio (3), Marcial (2), Baptista Fulgoso (2), Mimo Publicano (1), Appinio Polibo (1), Aulio Gelio (1), Alciato (1), havendo, ainda, uma referência mitológica ao “sábio Ulisses”¹⁹. Quanto à escrita, podemos verificar importantes reformulações de carácter estilístico e didático no nosso fabulário. Bastará atentarmos, brevemente, na primeira fábula, por exemplo, por comparação com a sua correspondente na tradução de Macho, para podermos ter uma ideia de

¹⁸ Para este trabalho, a nossa referência foi, sobretudo Cifarelli, 1993.

¹⁹ *MMV* 17, 27, 32, 40, 44, 73, 75, Sup. II, Sup. XI.

quão profundas são as alterações empreendidas ao nível da forma, embora não tanto no que respeita ao conteúdo:

MACHO

Ainsi que um coq en la fange cerchoit sa
pasture, trouva une pierre precieuse.

[...]

Et ceste fable disoit a ceulx qui lisoient ce
Livre, car pour le coq est entendu le fol qui
n'a cure de sapience ne de science acquerir
ainsi comme le coq n'a cure de pierres
precieuse. Et par la pierre precieuse est
entendu cestuy bel et plaisant livre.

MMV

Andava o Gallo esgravatando no
Monturo para achar migalhas, ou
bichos, que comer e acertou de des-
brir huma pedra.

[...]

Moralidade:

Os nescios despresando os
documentos
proveitosos, e doutrina moral, que
debaixo das Fabulas se encobre,
fazem o que fez este Gallo; buscão
coisas baixas, cevada, e migalhinhas;
convém a saber, a casca das cousas, e
as historias deste Livro, e despresão
a pedra preciosa da doutrina, que
nellas Esopo nos quiz ensinar. São os
namorados de Penelope, que
deixavão a senhora, e namoravaõ-se
das criadas. Para que nós não
sejamos do número destes, vamos de
cada Fabula tirando huma lição
moral, tocante ao bom governo de
nossa vida.

Não só na escrita como também na construção hermenêutica nos epimítios e nas referências, as diferenças são evidentes. Em Julien Macho é exibida uma estrutura alegórica do sentido que privilegia a comparação termo a termo – a equivalência “coq” / “fol” está já presente no *Anonymus* e permanece em várias das suas traduções medievais, bem como a analogia “pierre precieuse” / “sapience”, que aqui é visivelmente reorientada para significar o livro de fábulas, ativando a retórica da autolegitimação. Note-se, aliás, que esta fábula, na versão de Manuel Mendes, incorpora numa parte do epimítio uma retórica muito característica de prólogos de fabulários medievais. No nosso fabulário, efetivamente, a significação mantém a lógica medieval da interpretação integumental, que privilegia a alegoria profana, e

que é representada pela ficção da fábula como um véu de significação e pela correspondência entre as “historias deste livro” / “casca das cousas” e “pedra preciosa” / “doutrina”. No entanto, este primeiro estágio do epimítio é contrariado pela segunda parte, que introduz uma referência clássica com uma interpretação nova (“Penelope e os seus namorados que se namoram das criadas”) e um elemento de ordem moral que reverte a favor do melhoramento da conduta individual na vida de cada um (“vamos de cada fábula tirando huma lição moral tocante ao bom governo da nossa vida”), e já não reflete os ensinamentos medievais, orientados para virtudes universais e pessoais.

Um caso que é digno de nota na referência a fontes humanistas é o da fábula LXIV “O homem e o leão”. Esta fábula está atestada em muitas coleções da tradição medieval, bem como nos principais fabulários tardomedievais (Hervieux, II, 1884 e Cifarelli, 1993: 125-126). Porém, o epimítio é aqui saturado de referências recentes com o objetivo expresso de construir uma retórica da veridicção através da verdade histórica: “não é só fabula a de cima, mas historia verdadeira, que Appino Polibio Grego a conta e Aulo Gelio nas Noites Atticas, e dele o traz Baptista Fulgoso no quinto livro. Todos dizem que o homem era cativo, e se chamava Andronico.” (*MMV*: 96).

Um traço característico do nosso fabulário, que o afasta resolutamente das composições medievais congêneres, é a referencialidade interna. Diversas são as passagens das moralidades onde se encontram remissões para outros textos da coleção: o epimítio da fábula XVII, “Juno e o pavão”, apresenta esta fábula como uma confirmação de afirmações anteriormente referidas na “Vida de Esopo”. Por outro lado, encontramos uma confirmação do tempo presente nas marcas de afirmação pessoal do narrador de “o lobo e o grou”. Aqui, o narrador, ao invocar a autoridade de Mímo Publicano, uma fonte recente, refere expressamente o seu acordo com ela, como se isso, de algum modo, constituísse uma garantia necessária daquela autoridade.

O livro de fábulas de Manuel Mendes toma, efetivamente, uma feição moderna ao apresentar um conjunto de textos orientados para o ensinamento de bons costumes. Mais do que uma série de textos cuja significação tem uma base alegórica, o sistema analógico visível nos epimítios é suficientemente aberto e maleável para permitir uma importante alteração no horizonte de destinação e na construção do sentido das fábulas relativamente às coleções medievais. Mantendo-se a analogia

como estrutura obrigatória - “Na Andorinha se denota o homem prudente” (“a andorinha e outras aves”); “nesta rã, e sua morte, se vê que ganhão os maos quando armão traição contra quem se fia delles” (“o rato e a rã”); “Notam-se nesta fabula os que do mal que urdiram [...] querem tirar agradecimento” (“o pastor e o lobo”) - é visível que a significação se desenvolve a partir da demonstração, ou seja, das consequências de uma ação. A narrativa suplanta aqui não só a equivalência alegórica termo a termo, que não é, de resto, o esquema hermenêutico mais frequente nos fabulários da Idade Média, mas, sobretudo, a conclusão por indução que, nestes, se apresentava cuidadosamente orientada para a perceção de verdades mais gerais ocultadas por um véu, o *integumentum*. Não se trata, agora, da descoberta de verdades veladas, mas de um processo de compreensão em que se faz apelo à inteleção do destinatário (Chevrolet, 2007: 174). Os ensinamentos devem ser entendidos, incorporados na mente do destinatário, como está patente em fórmulas de introdução da lição: “bem está de entender que significa este Milhano os homens que toda a vida são estragados, e guardão o arrependimento para a hora da morte” (“o milhano e sua mãe”) ou na fábula “A formiga e a cigarra”: “Portanto nos ensina esta fábula que sejamos como a formiga e não confiemos no que outrem nos há-de dar ou emprestar”.

Esta lógica de apresentação da lição das fábulas assenta numa clara identificação do seu destinatário como um intérprete, o que confirma a importância que passou a ter o presente da receção da fábula e a atualidade desta. “O Cão e a ovelha” é, a este respeito, um dos casos mais explícitos, afirmando o fabulista na moralidade: “parece que já, no tempo que Esopo compôs esta fábula adivinhava o que hoje passa em muitos lugares, onde roubão aos pobres e fracos as honras...”. Tais características indicam que o fabulário de Manuel Mendes terá sido um livro destinado à instrução moral dos homens comuns e a servir-lhes de guia dos bons costumes. A orientação para a prática das virtudes e a denúncia dos vícios, característica dos livros de fábulas medievais que confirma um código interpretativo de aplicação universal, já não se apercebe na organização e orientação desta coleção, que antes deixa transparecer objetivos que mais se coadunam com uma boa orientação moral da vida de todos os dias. As preocupações espirituais e o pendor cristão não estão totalmente ausentes na *Vida e Fábulas...*:

prova-se nesta fábula [...] que nenhum há desamparo da natureza, e sem graça particular, que Deus, autor da mesma natureza, criou os homens, e repartiu por eles os dotes. (“Juno e o pavão”)

Deus ajuda os humildes e resiste aos soberbos, e quiz que o Leão temesse ao Galo e o Rato pudesse inquietar o elefante (“a águia e a raposa”)

Ainda que, por vezes, surjam como complemento da sabedoria transmitida pelas fontes humanistas:

Diz Mímo Publicano que benefícios feitos de gente perdida são perdidos, e podem contar-se por malefícios, e eu assim o entendo, quando puramente não se fazem por amor de Deus, que todos os bens tem cuidado de pagar. (“o lobo e o grou”)

As verdades apresentadas na coleção são, por vezes, caucionadas por adágios ou provérbios que atestam a sua componente popular:

Mostra esta fábula ser verdadeiro o adágio, que diz: “Queres inimigo? Dá o teu, e pede-o.” (“as duas cadelas”)

Diz bem o provérbio: “Por la mano lleva el hombre a sua casa con que llore.” Assim aconteceu a este homem com a cobra. (“o homem e a cobra”)

É, ainda, de salientar a preocupação em cobrir um leque alargado de atividades, de modo a fazer das fábulas um género verdadeiramente universal, abarcando o maior número possível de destinatários. A variedade das ocupações contempladas também revela um universo dominado por setores de atividade diversificado, com necessidades de ensinamentos específicos, fruto de uma sociedade em evolução, que lembra as exigências da pregação *ad status* que se desenvolveram no final da Idade Média. Nalgumas fábulas são visados, especificamente, soldados (“a rã e o touro”) – que parecem ter uma clara preferência nesta coleção -, músicos, letrados, pilotos (“o asno e a cachorrinha”), mancebos e homens graves (“o velho e a mosca”), juizes (“o bogio, o lobo e a raposa”) e Astrólogos (“o caçador e a bicha”). A fábula “Os membros e o corpo”, que sistematicamente é evocada para reforçar a coesão orgânica da sociedade e que tem um significado político atestado pela tradição²⁰, exhibe, aqui, expressamente os vários níveis sociais representados pelos

²⁰ Esta é uma das fábulas atestadas no *Policriticus* de João de Salisbúria. Veja-se, ainda, Harf-Lancner 1988 e 2000.

seus principais agentes - soldados, rei, lavrador – reativando a relação entre as três ordens da sociedade feudal e as três partes do corpo, atestada ao longo da Idade Média desde o século XII. Mas, esta partição é demasiado limitada para poder representar uma realidade social complexa, onde todas as atividades humanas devem ter um lugar (Harf-Lancner, 2000: 123). Esta contradição está patente na fábula “Os membros e o corpo”, onde, apesar de se dividir o corpo da República nas três ordens – soldados, rei e lavradores – a moral acaba por confirmar uma realidade onde todos estão representados numa multiplicidade de membros: “todos somos membros em uma República, e todos necesarios uns aos outros”. Não pretendendo, aqui, retomar questões de ordem política que levanta o recurso a esta fábula, valerá a pena referir a este propósito a importância que adquirem, num contexto de amplificação do corpo social, as referências a várias profissões e ocupações como sintoma de uma preocupação de atualidade e de colocar no horizonte das fábulas uma realidade contemporânea.

3. Fortuna editorial das fábulas de Manuel Mendes²¹

Reservamos a parte final deste artigo à descrição da fortuna editorial da coleção de Manuel Mendes da Vidigueira. Como foi já afirmado, a coleção de Manuel Mendes da Vidigueira teve um número de edições e reimpressões que a coloca inequivocamente num lugar de destaque no panorama nacional da produção fabulística. Ao todo, é possível contar catorze edições e reimpressões desta coleção vindas a lume e, ainda, uma adaptação realizada por Teófilo Braga em 1914. Da primeira edição, de 1603, em Évora na imprensa de Manuel de Lyra, não nos foi possível encontrar exemplares em bibliotecas públicas que pudessemos cotejar. Restam-nos seguir a indicação fornecida por Diogo Barbosa de Machado na *Biblioteca Lusitana*, que menciona as edições de Manuel de Lira (1603), de Jorge Rodrigues (1611), de Domingos Carneiro (1689) e de José Antunes da Silva (1705) (Machado, 1752) e remeter, como foi já afirmado, para a primeira edição que parece ter conhecido uma ampla circulação, a de 1643, na imprensa de Antonio Alvares.

Não cabe, aqui, apresentar um estudo das edições desta obra, mas é forçoso fazermos algumas observações, que serão necessariamente de carácter geral, mas que

²¹ Cf. Anexo I.

poderão oferecer um quadro fiável da transmissão de um fabulário que foi de uma importância indiscutível no panorama nacional.

A primeira edição da *Vida e fábulas...* que nos foi possível observar foi a que se realizou na oficina de Antonio Alvares em 1621, de que existe um exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Esta impressão, contudo, não foi a que mereceu maior acolhimento, como foi já afirmado, o que terá acontecido relativamente à que se lhe seguiu, a de 1643, a julgar pelo número de exemplares que dela é possível encontrar ainda hoje sem grande dificuldade. Se somarmos a isto, a importância que teve no estabelecimento de outras edições, é possível considerá-la como uma verdadeira vulgata desta obra, pelo menos durante o século XVII, que conheceu mais quatro impressões e edições em data posterior²².

O prólogo da impressão de 1643 apresenta vários elementos que importa destacar, dada a sua relevância para um melhor entendimento da fábula na época em Portugal, e, em particular, a conceção da fábula que esta edição exhibe. O texto do prólogo parece ser da responsabilidade do editor já nas edições mais precoces que conhecemos. É de crer que o seu autor seja, efectivamente, o editor, apesar de este justificar pessoalmente a sua redacção com base na adesão ao programa de leitura instituído no fabulário. O prólogo começa por defender a elevação das fábulas como género tendo por base desta afirmação a ideia de que foram elas uma ferramenta essencial dos filósofos deste os tempos mais remotos. É a ligação da fábula à filosofia que sustenta o seu uso, e fica desde logo patente o entendimento dos textos deste género como “doutrina encoberta debaixo destes fingimentos”, isto é, como *integumenta*. Este é tanto mais notório quanto o autor do prólogo, para sustentar o seu argumento, lança mão de referências mitológicas, referindo-se a Orfeu, que atraía as árvores e os animais com a sua música, e Anfión, cuja viola edificava os muros de Tebas, bem como refere o uso de parábolas na Antiguidade por diversos povos para a instrução moral ou espiritual. Daqui, passa-se a um segundo nível de referências capazes de sustentar e legitimar a elevação das fábulas, que estão consideravelmente mais próximas desta edição, e que refletem o valor de exemplo conferido à fábula nos isopetes medievais e, muito em particular, no fabulário português: “Aristóteles afirma – e dele o traz São Tomás – que as fábulas se inventaram para os homens fugirem dos vícios e seguirem a virtude”, sendo este argumento caucionado pela evocação das

²² As edições e impressões da coleção de fábulas de Manuel Mendes estão resumidas no Anexo I.

moralizações de narrativas ficcionais realizadas por *auctoritates* como Santo Agostinho, Eusébio e Santo Isidoro de Sevilha. A parte seguinte do prólogo é constituída por uma paráfrase do preceito horaciano sobre a reunião do prazer e da utilidade das ficções – a mistura do doce e do proveitoso, reunida à metáfora do vergel de fábulas -, que é um *topos* retórico quase obrigatório nos prólogos de livros de fábulas da Idade Média que se inspiram na tradição do *Anonymus*. A secção final é a mais interessante do prólogo por oferecer alguns elementos inovadores, mau grado o seu firme enraizamento na tradição medieval. A justificação final da coleção é, afinal, a de que ela tem a função de passatempo, sendo as “fábulas honestas, mestras da vida humana” (*MMV*, 1643: A3), o que subverte a argumentação desenvolvida nas partes anteriores, orientando-a para uma finalidade mais condizente com as coleções de narrativas curtas que se desenvolveram no final da Idade Média e no Renascimento. Assim, a coleção de fábulas deixa de estar colocada ao serviço da edificação ou da instrução moral, e transforma-se em “passatempo sem prejuízo”, numa companhia dos homens que pretendem melhorar as suas vidas de um modo prazenteiro.

A impressão de Lisboa de 1643 serviu de base a uma outra edição dada à estampa em 1672, pela mão do Padre João Ferreira de Almeida, na oficina de Pedro Walberger, na Batávia. Esta apresenta-se como uma impressão, mas dadas as significativas alterações realizadas, não só nos textos das fábulas como também na apresentação da obra, e, ainda, as circunstâncias particulares que a motivaram e o seu invulgar contexto de produção e de circulação, mais correto nos parece considerá-la como uma nova edição desta obra. Entre várias particularidades que apresenta esta edição, ela é a única no conjunto das impressões e edições deste fabulário, ou de qualquer outro fabulário impresso em língua portuguesa, a tomar um título alternativo – *Esopete Redivido*. O seu título integral é *Esopete Redivivo ou Vida e Fabulas do insigne, prudente e gracioso fabulador Esopo Frigio de Grecia. Recolhidas, Acrescentadas, Traduzidas & com breves Aplicações morais ilustradas, por Manuel Mendes da Vidigueira*. É expressamente mencionada no frontispício a impressão em Lisboa no ano de 1643, e acrescentada a menção *E agora de novo, nesta ultima impressão diligentemente revistas & emmendadas, para uso proveitoso & honesta recreação de todos, pelo P. João Ferreira A. D’Almeida. Primeira parte. Em Batavia, com todas as Licenças necessarias, por Pedro Walberger, Impressor, Ano 1672*.

É, a todos os títulos, excepcional a edição do fabulário de Manuel Mendes na Batávia no penúltimo quartel do século XVII. O seu editor, como foi dito, é o missionário protestante, originário de Mangualde, João Ferreira D'Almeida, que esteve ao serviço da igreja portuguesa de Batávia²³. Naturalmente, esta impressão insere-se no grande movimento de cristianização do oriente, e deve ser entendida neste contexto, como o próprio P. João Ferreira D'Almeida afirma na longa e reveladora dedicatória da sua obra, que aqui se reproduz na íntegra:

Aos Nobres e Muy primorosos, Doctos, Prudentes, Discretos, & Honorificos Senhores, Os Senhores: Cornelio Snouck, Advogado Fiscal da India em Terra. Pedro Paew, Advogado Fiscal da India, no Mar. Jacobo Caesenbroot, Balhu Corregedor da Cidade. Vicente van Mock, Land-Dost Corregedor dos ó Redores:

Nobres Senhores,

Como per experiencia tenho alcançado de nossos Cidadãos e mais Moradores de Batavia, que outra Lingua não entendem senão a Lusitana, poucos ou quasi nenhuns bons Livros impressos nella tenhaõ, para o tempo, que de sobejo tem, alguãs vezes em honesta e proveitosa recreação poderem passar; Pareceume não lhes seria, para este fim, de pouco proveito o mandar eu tambem na mesma Lingua imprimir aqui a exemplar vida & moraes Fabulas do grande & celebre Fabulador ESOPPO, agora de novo, neste ultima Impressão, taõ diligentemente revistas e emmendadas, que espero nenhuã necessidade teraõ de em nada ceder a alguã das precedentes. O que porem, não quis fazer, senão enviandoas primeiro apadrinhadas com esta Dedicatoria a carta de Recomendação a V.M.S. para que, á sombra de taõ bons Padroeiros, mais afoitas possaõ sair a luz, & neste Novo Mundo aparecer com maior e mais segura confiança. Com a mesma as offereço tambem muy reverentemente a V.M.S. tantas vezes tenho experimentado. Pedindolhes humildemente sejaõ servidos de, segundo sua costumada affabilidade, benevolamente as quererem aceitar; Não tanto attentãdo para a escasseza da offerta como para o grato animo, boa vontade, e sincera affeição com que as dedico, offereço e apresento a V.M.S. Cujas nobres Pessoas, aconpanhadas de todos os bens corporaes e espirituaes, Deus nosso Senhor guarde largos, prosperos, e felices annos; Como de veras lhes deseja a quelle que he, e sempre ha de ser

De V.M.S.

Muy affeçoado & humilde
Servo em Christo,

João Ferreira A. D'Almeida

Batavia o I. de Mayo de 1672.

²³ As informações relativas à edição desta obra na Batávia que aqui resumimos baseiam-se na análise da obra a partir de exemplar conservado na British Library, completadas com dados coligidos por Lopes, 1936: 122-124 e Matos, 2002: LIII-LV.

A edição de 1672 da *Vida e Fábulas...* de Manuel Mendes, ao que tudo parece indicar, veio inaugurar a imprensa de Pedro Walberger, e terá sido a primeira obra em língua portuguesa, que se conserva, a ser impressa na Batávia. A edição das fábulas de Esopo pelo missionário protestante em paragens tão distantes de terras lusitanas justifica-se certamente pelo facto de constituir uma obra que favorecia a sua missão de evangelização das populações locais e facilitava a padronização dos valores a transmitir segundo modelos europeus de moral. Além disso, tal projeto coadunava-se com uma prática de ação missionária que tinha antecedentes no extremo oriente, uma vez que, com intuítos semelhantes, a comunidade jesuíta de Amakusa, no sul do Japão, tinha, já em 1593, feito imprimir uma obra baseada nas fábulas esópicas denominada *Esopo No Fabulas* (1964).

Naturalmente, a utilização do idioma lusitano adequava-se bem a objetivos desta natureza, na medida em que era língua de comunicação corrente naquelas paragens, como, de resto, o editor tem o cuidado de explicar. O facto de a edição ser baseada na impressão de 1643 revela, ainda, que João Ferreira D’Almeida tinha à mão um exemplar desta, provavelmente na sua biblioteca pessoal (Matos, 2000: LIII), o que vem confirmar a popularidade de que esta impressão gozou na segunda metade do século XVII, além de nos facultar o conhecimento do modelo direto desta nova edição, o que é caso raríssimo na fortuna editorial da coleção de fábulas de Esopo traduzidas por Manuel Mendes. Temos, por isso, a feliz possibilidade de conhecer com exatidão o trabalho de edição realizado pelo evangelizador de Mangualde através de uma análise de crítica textual que esta obra indiscutivelmente merecerá.

A Dedicatória é seguida de um “Prólogo ao Leitor”, da “Vida de Esopo” e das noventa e duas fábulas, sem separação entre as fábulas de Esopo e as fábulas acrescentadas por Manuel Mendes. Se esta edição segue de perto, na organização, a impressão de 1643, um exame mais atento revela algumas alterações nos textos das fábulas, sobretudo nas conclusões ou nas moralidades, que são bastante mais elaborados na edição asiática, revelando uma preocupação de apuramento estilístico:

Nos grandes ninguem ouza meter dentes, porque tambem os tem pera morder, & dizem que de cossario a cossario não se perde mais que a monição.

(“Da Bicha com a lima”,
MMV, 1643)

(...)
desejalos sem os aver, he pouquidade, & sizo, mostrar o homem que nam lhe lembram, ainda que muito os cobice.

(“Do Rato e da Doninha”,
MMV, 1643)

Nos grandes, Maos & poderosos, nunca ninguém ousa por a boca, nem ainda a tocar, e quanto menos meter os dentes: porque tambem os tem, pera outro tanto fazer, e ainda peor, a quem a elles se atrever. Daqui vem o dizerem que de Cossario a Cossario nunca se perde mais que a munição.

(“Da Bicha com a lima”,
MMV, 1672)

(...)
Esta he a razaõ, porque tambem o Senhor, no Evagelho, taõ encarecidamente nos avisa, que sempre andemos alerta, e não nos fiemos, antes nos vigiemos e bem guardemos dos homens; & que, para isso, não sómente sempre sejamos e nos mostremos Simpleces e Innocentes, como Pombos: Mas, tambem, Prudentes e Avisados, como Serpentes.
(“Do Rato e da Doninha”, *MMV*, 167

Se a revisão, empreendida pelo missionário português, das fábulas traduzidas por Manuel Mendes constituiu uma tarefa de grande importância, não só para o conhecimento da fortuna internacional deste livro como também para a apreciação dos modos de circulação das fábulas na época, e, ainda, no contexto da história do livro português e do papel que desempenharam os portugueses no desenvolvimento da tipografia no oriente, certo é que ela parece ter ficado caída num desconhecimento total em Portugal, tanto na época como em tempos posteriores²⁴. Assim, apesar de o Padre Ferreira D’Almeida ser amplamente conhecido pela sua obra escrita de evangelização, em particular pelas traduções do Novo Testamento que preparou, o silêncio relativamente à sua edição do fabulário de Manuel Mendes é quase completo. Parece-nos legítimo aventar que tal situação se tenha ficado a dever ao carácter local e casuístico que parece ter tido a edição de 1672, já para não referir as circunstâncias de comunicação existentes na época, que não favoreciam ampla divulgação de uma obra com estas características.

Não é, por isso, de surpreender que no ano imediato se tenha assistido, em Lisboa, ao surgimento de uma nova impressão da *Vida e fábulas...*, desta vez na oficina de Francisco Villela. As impressões de Francisco Villela (1673, 1684) não diferem, no texto, da edição de Antonio Alvares. O que separa as duas edições é a ausência do prólogo do editor na obra dada à estampa na oficina de Francisco Villela, situação que é raro encontrar nesta coleção de fábulas. Uma outra particularidade da edição de 1684, a que já acima aludimos, é a de oferecer duas ilustrações: uma figura no frontispício, onde se apresenta uma representação de Esopo, que exagera as suas deformidades fisionómicas descritas na “Vida de Esopo”, repetindo o que era já prática corrente nas coleções tardomedievais desde a de Steinhöwel, e outra imagem, inserida no final da parte dedicada às “Fábulas de Esopo”. Nem nesta impressão nem nas demais edições e impressões do fabulário de Manuel Mendes de que dispomos se encontram ilustrações particulares das fábulas. Tal situação revela um panorama nacional parco no que respeita à ilustração das fábulas, que corresponde ao

²⁴ Não conhecemos referências a esta edição anteriores à de David Lopes (Lopes, 1936: 122-124) e nem este historiador nem Manuel Cadafaz de Matos (Matos: 2000: LIII-LV), que se baseia nos dados coligidos por este autor na sua obra já aqui citada, referem qualquer exemplar desta obra que tenha circulado em território nacional. David Lopes refere a existência de um exemplar na British Library, em Londres, o que dá uma ideia da raridade deste livro no século XX. Poderemos acrescentar a estas notas, que o exemplar existente na British Library se encontra em razoável bom estado e acessível à consulta, e que está, ainda referenciado, um outro exemplar na Cambridge University Library.

desenvolvimento natural de um género poético que se baseia na produção da imagem verbal, mas que também não é inédito na época.

As impressões realizadas na Tipografia Rollandiana inauguram o que podemos designar por uma segunda fase da transmissão da *Vida e fábulas...* Em primeiro lugar por terem sido as mais numerosas. Contam-se quatro impressões, datadas de 1778, 1791, 1835 e 1859, respetivamente. Estas impressões apresentam uma grande estabilidade, tanto na organização da obra e na ordenação das fábulas, como nos textos e conteúdos de cada uma das partes. Importa realçar que o prólogo do editor se mantém inalterado nas várias reimpressões. É, contudo, interessante verificar que as designações de alguns dos animais das fábulas sofrem modificações entre a edição de 1835 e a de 1859, nomeadamente em asno, bogio, bicha e cervo, que passam, respetivamente, a burro, macaco, cobra e veado, possivelmente, com o objetivo de vulgarização da obra e o alargamento da obra a destinatários deste género literário cada vez mais diversificados, sobretudo ao público juvenil e infantil, que, naturalmente, convidava a uma adaptação do vocabulário das fábulas.

Entre as duas últimas edições da Tipografia Rollandiana, em 1848, encontra-se uma edição impressa em Paris na Tipografia de Pillet Fils Ainé. É plausível que esta obra tenha sido impressa a partir de uma das impressões anteriores na Tipografia Rollandiana, mas ela apresenta algumas características particulares que valerá a pena aqui apontar.

Não nos foi possível aduzir as circunstâncias em que esta obra foi impressa em Paris, nem o nome de um eventual responsável, apesar de se poder ler no frontispício que se trata de uma “nova edição revista e emendada” (Mendes, 1848). É possível, contudo, admitir que esta expressão pudesse constituir uma duplicação das indicações fornecidas já nas impressões realizadas a partir de 1791, onde era mencionada a introdução de revisões e emendas. Note-se que esta impressão está referenciada em bibliotecas francesas e em arquivos vários, o que indicia que terá tido circulação consideravelmente ampla, tendo inclusivamente servido de base para o estabelecimento de uma edição recente das fábulas de Esopo (Pinheiro, 2012).

Podemos observar na edição parisiense o encurtamento do título já simplificado nas impressões da Tipografia Rollandiana, que manifesta a importância crescente das fábulas face à “Vida de Esopo”, que cada vez mais se apresenta como

um texto adicional, até acabar por desaparecer por completo dos fabulários e antologias. Encontramos, por outro lado, o uso das designações tradicionais dos animais, que ainda não sofrem aqui as adaptações que já se verificam na edição de 1859.

Não encontramos alterações significativas nos textos das fábulas, nem nos respetivos títulos. Porém, é curioso verificar, face a esta permanência, uma mudança importante no texto da “Vida de Esopo” que ainda aqui se mantém, a qual consiste na obliteração do episódio em que Esopo resolve os enigmas do Sultão da Babilónia e se confirma publicamente como exímio nas artes da palavra, para a qual não encontramos motivo aparente, e que não tem paralelo em qualquer das edições que observámos.

Esta breve revisão da fortuna editorial das fábulas traduzidas por Manuel Mendes não estaria completa sem uma referência à sua curiosa integração nos *Contos Tradicionais do Povo Português* de Teófilo Braga, apesar de, obviamente, não se poder considerar este gesto como um trabalho de edição, ou sequer de reimpressão, da obra de Manuel Mendes (Braga, 1915). A coleção das fábulas de Esopo de Manuel Mendes é integrada no segundo volume desta obra, apenas tendo sido excluídas por Braga as quinze fábulas da coleção seiscentista que figuravam no Suplemento. No entanto, o compilador dos *Contos Tradicionais...* não parece ter hesitado em retirar a cada fábula o seu epimítio, com o intuito de subtrair a sua moral e de as acomodar à sua própria conceção de tradição popular, tornando-as exemplares significativos de um fundo narrativo rudimentar de expressão popular e legítimos testemunhos da “espontaneidade do povo”, traçando uma linha de fronteira bem nítida entre a fábula, de fundo popular, e o apólogo, que a eleva ao intuito moral e lhe confere a forma literária (Braga, 1883: XIX-XX e Morais, 2011:121-129). A separação entre o exemplo, ou parte narrativa da fábula, e o epimítio moralizado é ainda mais nítida quando Braga afirma que a fábula “se dissolve na corrente oral que apenas conserva a conclusão ou moralidade no Anexim” (Braga, 1883: XIX-XX).

Seja qual for a aceitação que podemos, hoje, ter das teorias expendidas por Teófilo Braga acerca da tradicionalidade das fábulas, os textos que Manuel Mendes traduziu e imprimiu no início do século XVII, representam um marco importante da transição das fábulas do universo erudito, do qual parecem ter surgido, num ambiente

de renovações humanistas que teve forte desenvolvimento na Europa ao longo do século XVI, para uma banalização que já é visível nas edições realizadas no decurso do século XIX, e, finalmente, para integrarem o corpo tradicional dos contos, já no início do século XX. A história desta incorporação, porém, deverá atender a fatores de uma ordem que é alheia à fortuna da coleção de Manuel Mendes, que mais se prendem com a evolução do género da fábula na época contemporânea e com a sua acomodação a critérios poéticos e, especificamente estéticos (Avilés, 2001), que a afastam do fundo moralístico que a sustentou até ao final do século XIX.

Ana Paiva Morais

Fábulas referidas ou citadas:

A águia e a raposa, Perry, p. 223, nº 28; p. 422, nº 1

A andorinha e outras aves, Perry, p. 428, nº 39

O asno e a cachorrinha, Perry, p. 167, nº 129; p. 438, nº 91; Adrados, H. 93; M. 45

O áspide e o seu hóspede, Perry, p. 187, nº 143; p. 333, nº 20

A bicha e a lima, Perry, p. 315, nº 8; Adrados, H. 95; M. 481

O bogio, o lobo e a raposa, Perry, p. 203, nº 10; Adrados, no H. 203; M. 275

O caçador e a bicha – Perry, p. 459, nº 198; Adrados, H. 213

O cão e a ovelha, Perry, p. 213, nº 17 □ □ Adrados, no H. 240; M. 329

As duas cadelas, Adrados, no M. 165; M. 100

A formiga e a cigarra, Perry, p. 183, nº 140; Adrados, H. 114; M. 163

O galo e a pérola, Perry, p. 279, nº 12; Adrados, no H. 271; M. 174

O galo e a raposa

Hercules e os Pigmeus

O homem e a cobra, Perry, p. 187, nº 143; p. 333, nº 20; Adrados, H. 62; M. 429

Juno e o pavão, Perry p. 289, nº 18; Adrados, no H. 259; M. 345

O lobo e o grou, Perry, p. 115, nº 94; p. 201, nº 8

Os membros do corpo, Perry, p. 446, nº 130; Adrados, H. 132; M. 336

O milhano e sua mãe, Perry, p. 97, nº 78; Adrados, H. 288; M. 290

O pastor e o lobo, Perry, p. 467, nº 234; Adrados, H. 165

A rã e o touro, Perry, p. 41, nº 28; p. 219, nº 24; Adrados, no H. 273; M. 373

O rato e a doninha, Perry, p. 303, n.º 3a.

O rato e a rã, Perry, p. 490, n.º 384; Adrados, H. 302; M. 31; M. 312

O velho e a mosca, Perry, p. 355, n.º 3; Adrados, no H. 159; M. 77

BIBLIOGRAFIA:

TEXTOS

BRAGA, Teófilo (1915). *Contos Tradicionais do Povo Português*. Vol. II. Lisboa: J.A. Rodrigues & C^a, Editores (ed. Ampliada). [reed.: (1987). Lisboa: Publicações Dom Quixote, coleção Portugal de Perto].

Esopo no Fabulas (1964). Tōkyō: Kazama Shobō, Shōwa 39.

Les fables et la vie d'Esopé phrygien, traduites de nouveau en françois selon la vérité grecque (1582). Paris: chez Hierosme de Marnef, & la veuve de Guillaume Cavellat.

MENDES, Manuel [da Vidigueira] (1621). *Vida e Fábulas do insigne fabulador grego Esopo. De novo juntas e traduzidas com breves applicações morais a cada fábula, por Manoel Mendes da Vidigueira*. Lisboa: Antonio Alvares. [reimpr: 1643].

————— (1672). *Esopete Redivivo, ou Vida e fabulas do ionsigne, prudente, & gracioso fabulador frigio, de Grecia. Recolhidas, acrecentadas, traduzidas & com breves applicaçoes moraes illustradas, por Manuel Mendez da Vidigueyra, Impressas em Lisboa no A. de 1643. E agora de novo, nesta ultima impressão diligentemente revistas & emmendadas, para uso proveitoso & honesta recreação de todos, pelo P. João Ferreira A. D'Almeida*. Primeira parte. Em Batavia, com todas as Licenças necessarias, por Pedro Walberger, Impressor.

————— (1673). *Vida e fabula do insigne fabulador grego Esopo, de novo juntas, e tradusidas com breves applicações moraes a cada fabula, por Manoel Mendes, da Vidigueyra*. Lisboa, com todas as licenças necessarias: Officina de Francisco Villela. [reimpr. 1684].

————— (1778). *Fabulas de Esopo, traduzidas da lingua grega com Applicações Moraes a cada Fabula, por Manoel Mendes da Vidigueyra*. Lisboa, na Typografia Rollandiana. [reimpr. 1791; 1839; 1852].

————— (1948). *Fábulas de Esopo com applicações moraes a cada fabula*. Nova edição revista e emendada. Paris: Na Typographia de Pillet Fils Ainé.

PINHEIRO, Carlos (ed.) (2012). *Fábulas de Esopo ilustradas*. edição do autor. (e-book).

RUELLE, Pierre (ed.) (1982). *L'Esopé de Julien Macho. Recueil Général des Isopets*, Tome III. Paris: Société des Anciens Textes Français.

POGGE (Le) (1878). *Les Facécies de Poge, Florentin, traitant de plusieurs nouvelles choses morales. Traduction française de Guillaume Tardif, du Puy-en-Velay, lecteur du Roi Charles VIII, réimprimée pour la première fois sur les éditions gothiques, avec une préface et des tables de concordance par Anatole de Montaiglon*. Paris: Léon Willem.

————— (2005). *Facéties / Confabulationes*, S. Pittaluga, (ed.) e E. Wolff (trad. e introd.). Paris: Les Belles Lettres, coll. Bibliothèque italienne 15.

CRÍTICA

AVILÉS, Enrique Turpin (2001). “El género de la fábula en los noventa: inflexiones y propuestas”, in *El cuento en la década de los noventa. Actas del X seminario internacional del Instituto de Semiótica Literaria, Teatral y Nuevas Tecnologías de la UNED, Madrid, 31 de mayo-2 de junio de 2000*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, Visor Libros, 727-742.

BARATA, José de Oliveira (1979). “Introdução” in António José da Silva, *Esopaida ou Vida de Esopo*. Coimbra, Acta universitatis Conimbricensis.

BOIVIN, Jeanne-Marie (2001). “La Vie d’Ésope: un prologue original du recueil de fables de Julien Macho”. *Reinardus*, 14, 69-87.

————— (2006). *Naissance de la fable en français. L’”Isopet de Lyon” et L’”Isopet I-Avionnet”*. Paris: Honoré Champion.

BRAGA, Teófilo (1883). “Da novellistica Popular” in *Contos Tradicionais do Povo Português*. Vol. I. Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz Editores.

BURRUS, Victoria A. e GOLDBERG, Harriet (eds.) (1990). *Esopete ystoriado (Toulouse 1488). Edition, Study and Notes*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies.

CALADO, Adelino Almeida (ed.) (1994). “Introdução”, in *Livro de Exopo*. Coimbra: Separata do Boletim Bibliográfico da Universidade de Coimbra, vol. 42.

CHEVROLET, Teresa (2007). *L’idée de la fable. Théories de la fiction poétique à la Renaissance*. Genève: Droz, “Travaux d’Humanisme et Renaissance N° CDXXIII.

CIFARELLI, Paola (1993). *Catalogue thématique des fables ésopiques françaises du XVIe siècle*. Paris: Honoré Champion.

HERVIEUX, Léopold (1884). *Les fabulistes latins depuis le siècle d’Auguste jusqu’à la fin du moyen âge*. Tomes I-IV. Paris, Librairie Firmin-Didot.

HARF-LANCNER, Laurence (1988). “L’Individu dans l’État: la fable des membres et de l’estomac dans la littérature du Moyen Age”, in *L’individualisme: permanence et métamorphoses*, Josianne Attuel (ed.). Paris: Presses Universitaires de France, 51-71.

————— (2000). “Les Membres et l’Estomac: la fable et son interpretation politique qu Moyen Age”, in *Penser le pouvoir au Moyen Age, VIIIe-XVe siècle, Études*

- offertes à Françoise Autrand*, Dominique Boutet e Jacques Verger (eds.). Paris, Éditions Rue d’Ulm, 111-126.
- JOUANO, Corinne (ed. e trad.) (2006). *Vie d’Ésope, Livre du philosophe Xanthos et de son esclave Ésope. Du mode de vie d’Ésope*. Paris: Les Belles Lettres.
- KNUST, H. (1886). *Liber de Vitae et moribus philosophorum poetarumque veterum ex multis libris tractus nec non breviter et compendiose per venerabilem virum magistrum Walterum Burley compilatur incipit feliciter, mit einer altspanischen übertsetzung der Eskurialbibliothek herausgegeben*. Tübingen: Bibliothek des Litterarischen Vereins in Stuttgart, 177.
- LACARRA, María Jesús (2009). “Fábulas y provérbios en el Esopo Anotado”, *Revista poética medieval*, 23, 297-329.
- LOPES, David (1936). *A expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Barcelos: Portucalense Editora, Lda. 1936. [reimpres. facsimilada, Lisboa, 2000].
- MACHADO, Diogo Barbosa de (1752). *Bibliotheca Lusitana*, vol. III. Lisboa: Oficina de Inácio Rodrigues.
- MATOS, Manuel Cadafaz de (2002). *Uma edição de Batávia em português no último quartel do século XVII. “Diferença e Christandade” (1684), em versão do P. João Ferreira de Almeida*. Lisboa: Edições Távola Redonda, Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (C.E.H.L.E.).
- MOMBELLO, Gianni (1981). *Le raccolte francesi di favole esopiane dal 1480 alla fine del secolo XVI*. Genève-Paris: Slatkine.
- MONTE, Gil do (1968). *Subsídios para a história da tipografia em Évora nos séculos XVI a XX*. Évora: Gráfica Eborense.
- MORAIS, Ana Paiva (2011). “Imagens, enganos e desenganos – a neutralização das fábulas nas ‘fábulas tradicionais’”, in *Máscaras, mistérios e segredos*, Paula Godinho org. Lisboa: Edições Colibri, Coleção “A Ieltsar se vai ao longe”, 121-129.
- PERRY, Ben Edwin (1933). “The Text Tradition of the Greek Life of Æsop”, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 64, 198-244.
- THOEN, Paul (1970). “*Æsopus Dorpii*: essai sur l’Esopo latin des temps modernes”, *Humanistica Lovaniensia*, XIX.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1906). “Fabulário Português” (Conclusão). *Revista Lusitana*, vol. 9, 1-109.

PALAVRAS-CHAVE:

Coleção, Vida de Esopo, fábula tardomedieval, fábula humanista, transmissão

ANEXO I

FORTUNA EDITORIAL DA COLEÇÃO DE FÁBULAS
TRADUZIDAS POR MANUEL MENDES DA VIDIGUEIRA

	1603 ²⁵	1611	1621	1643	1672	1673	1684	1689	1705	1778	1791	1835	1848	1859	1914 ²⁶
EDITOR	Manuel de Lyra	Jorge Rodrigues	Antonio Álvares	<i>idem</i>	P. João Ferreira de Almeida, Pedro Walberger	Francisco Villela	<i>idem</i>	Domingos Carneiro	José Antunes da Silva	Tip. Roll.	<i>idem</i>	<i>idem</i>	Pillet fils Ainé	Tip. Roll.	Teófilo Braga
LOCAL	Évora	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Batávia	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Paris	Lisboa	Lisboa

²⁵ Referida por Machado, 1752: 308, bem como as impressões e 1611, de 1643, 1673 e de 1705. À edição de 1603 alude também Leite de Vasconcellos, embora baseando-se no *Diccionario Bibliográfico* de Innocência da Silva, VI, 59, e promete, ainda, uma nota sobre o fabulário de Manuel Mendes, a qual, no entanto, não chegou a redigir (Vasconcellos, 1906: 107 n2).

²⁶ Integração das fábulas de Esopo vertidas do grego por Manuel Mendes da Vidigueira nos *Contos Tradicionais do Povo Português* (Braga, 1915).

ANEXO II

FONTES IDENTIFICADAS DAS FÁBULAS DA COLEÇÃO DE MANUEL MENDES DA VIDIGUEIRA²⁷

Fábulas de Esopo	Suplemento às Fábulas de Esopo	Fontes
1-22 e 24-78		Steinhöwel, <i>Anonymus</i> Macho, <i>Anonymus</i> Dorpius, <i>Anonymus</i>
23		Poggio, <i>Facetiae</i>
	1	Steinhöwel, <i>Avianus</i> <i>Dorpius</i>
	2	Steinhöwel, <i>Romulus</i> Dorpius, <i>Aesopus</i>
	4	Dorpius, <i>Anonymus</i>
	7	Dorpius, <i>incerto interprete</i> [Aldo Manucio]
	11	Alciato, <i>Emblemas</i>
	12	Valla Dorpius, <i>Aesopus</i>

²⁷ Na impossibilidade de se detetar a fonte direta da coleção de fábulas traduzidas por Manuel Mendes da Vidigueira, apresenta-se um quadro das suas fontes indiretas mais difundidas no último quartel do século XV e no século XVI.